www.LETRA MAGNA.com
Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura
Ano 05 n.10 - 1º Semestre de 2009- ISSN 1807-5193

DESDOBRAMENTOS E IDENTIDADE DO DISCURSO REGIONALISTA: A ANÁLISE LITERÁRIA DE GUILHERMINO CESAR

Gabriela Luft*

RESUMO: Quem observa a obra de Guilhermino Cesar – crítico literário, poeta, cronista e romancista – depara-se com uma figura humana possuidora de uma cultura e de uma produção de imensa abrangência histórica. A partir dos textos de Guilhermino Cesar reunidos na série inicial da obra *Notícia do Rio Grande*, procuramos retomar a construção do discurso regionalista sul-rio-grandense, tendo em vista seu papel fundamental nos processos de construção e incorporação cultural da imagem do sul-rio-grandense como "monarca das coxilhas", bem como demarcar as características que, para Guilhermino, são cruciais para a diferenciação da gauchesca rio-grandense da platina.

PALAVRAS-CHAVE: Guilhermino Cesar; regionalismo; literatura.

ABSTRACT: *Who observes the production of Guilhermino Cesar - literary critic, poet, columnist and novelist - realizes a human figure with a production of immense historical coverage. From the texts of Guilhermino Cesar in the book "News of Rio Grande", we try to rescue the construction of the regionalist discourse involving Rio Grande do Sul, considering it an important process of the construction and incorporation of the cultural image of the "gaúcho" as a "king of coxilhas", as well to demarcate the characteristics that Guilhermino considers crucial to differentiate the Rio-Grandense "gauchesca" from the platinum.*

KEYWORDS: *Guilhermino Cesar; regionalism; literature.*

A atuação de Guilhermino Cesar

Cidadão mineiro, nascido em 1908 e transferido a Porto Alegre em 1943 como chefe de gabinete do então governador Ernesto Dornelles, Guilhermino Cesar prestou aos gaúchos relevantes serviços políticos e culturais. Depois de alguns anos na Europa, retornou a Porto Alegre e adentrou cada vez mais a atmosfera do Rio Grande do Sul, dedicando-se até o fim dos

* Mestranda em Letras na área de Estudos Literários, especialidade de Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com bolsa do CNPq; formada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF/RS), instituição na qual trabalhou, durante quatro anos, no Centro de Referência de Literatura e Multimeios; e-mail: gabiluft@yahoo.com.br.

seus dias à, à política, à cultura, à história e ao jornalismo cultural. Dessa forma, sua obra, que estimula pesquisadores até hoje, refere-se a uma espantosa produção bibliográfica, que se destaca por sua variedade, quantidade, e pela segurança com que se sustenta.

Dentre uma produção bibliográfica tão extensa, que transita pelas mais diversas áreas, tivemos, para fins de estudo, enfocar o que, em nossa opinião, representa uma das maiores contribuições de Guilhermino aos estudos literários. Nos intervalos de sua produção, o crítico encantou e ensinou seus leitores gaúchos através das crônicas publicadas no "Caderno de Sábado", do periódico porto-alegrense *Correio do Povo*, que abordavam temas como o ensino universitário, escritores, leituras, costumes, modismos, personagens reais ou inventadas e obras literárias. O "Caderno" começou a circular em setembro de 1967 e, em 1981, transformou-se em "Letras & Livros", tendo sido um marco na trajetória do jornalismo cultural e na visibilidade da produção artística no Sul do país, documento significativo para a compreensão de uma época e veículo de exercício sistemático do ensaio e da crítica.

O "Caderno de Sábado" dava espaço a autores do Sul, novos e consagrados, mas também a escritores de todo o país, a europeus e latino-americanos. Ocupava-se com tudo que estivesse relacionado à cultura, da história ao cinema, da música às artes plásticas, do ensino à ciência, do teatro à arquitetura, do poema à ficção ou à crônica, de autores nacionais a estrangeiros. No "Caderno", em que Guilhermino prezava pelo tom coloquial, seus textos podem ser considerados atuais e universais, sempre permeados de reflexão. O leitor não era subestimado. Aos textos que se podem considerar como literários, por tomarem como tema a literatura e seus autores, somam-se as páginas críticas, sobre assuntos gerais e históricos, que coexistem ainda com as crônicas do cotidiano, mais leves e livres.

Já no primeiro número do caderno, a poesia de Guilhermino é analisada por Wilson Chagas. No princípio, sua contribuição foi esporádica. Publicou seu primeiro escrito no caderno em 1967. Em 1968, publicou uma série de artigos sobre Qorpo Santo. A partir de 1971, sua colaboração se regulariza, quando começa a figurar todos os sábados, estabelecendo certa familiaridade entre leitor e suplemento literário. Guilhermino estava ciente da importância da resenha e do comentário crítico publicados simultaneamente ao aparecimento do livro para a orientação dos leitores. O dar conta do que surgia colaborava para a formação de um público e, ao mesmo tempo, para a consolidação dessa literatura.

A questão da *gauchesca*

A premissa de que o gaúcho é amante do seu chão, da sua terra e das suas raízes é uma construção romântica que já foi discutida, relativizada e criticada, mas que ainda continua muito viva, da mesma forma que a temática da fronteira, tão cara ao regionalismo literário, ambas questões cruciais para o entendimento da obra de Guilhermino Cesar.

Após uma visão geral acerca dos traços da produção guilherminiana em *Notícia do Rio Grande*, analisaremos a série inicial da obra, destinada à *gauchesca*, fundamental para a discussão de um conceito um tanto polêmico, que tem sido alvo de inúmeras críticas e discussões: o *regionalismo*. Através de textos que problematizam questões essenciais à literatura sul-rio-grandense, Guilhermino volta às origens do processo literário através do qual essa literatura identifica-se desde o seu surgimento. Mas, afinal, o que Guilhermino entende por *gauchesca*? Conforme José Aderaldo Castello, para o crítico ela "é produto da confluência de três nações, opondo heranças lusas às espanholas, em luta pela conquista de espaço e identidade. Conflito que resulta em interpenetração, como em repúdio" (CASTELLO, 1994, p. 07).

Além disso, ao estudar a questão, Guilhermino oferece fundamentação teórica e bibliográfica para o estudo comparativo da *gauchesca* no Rio Grande do Sul com a uruguaia e a argentina, referindo obras e escritores de múltiplas procedências, em confronto com os demais autores gaúchos, os quais analisa do passado aos estreantes do seu momento.

A construção do discurso regionalista sul-rio-grandense

A parte inicial de *Notícia do Rio Grande* é composta por textos que visam ao estudo do conto gauchesco. Pretendemos, agora, resgatar parte da história da contística sul-rio-grandense para, num segundo momento, retomarmos as considerações de Guilhermino sobre o gênero.

Falar a respeito do Rio Grande do Sul configura um ponto de convergência que, desde cedo, uniu contistas e contadores sulinos, tradição que remete ao tempo de formação do Estado, quando peões contavam histórias e trocavam informações acerca da sua rotina de trabalho e errância, de estância em estância. Segundo Maria Eunice Moreira, esse contar surge como uma necessidade do próprio viver (MOREIRA, 1982, p. 41), e talvez aí se justifique a constante presença, na produção literária sul-rio-grandense, do que a mesma pesquisadora reconhece como

caso, especialmente no segmento que se ocupa em traduzir as peculiaridades do estado sulino e dos seus habitantes.

Como analisaremos adiante, a figura do gaúcho dos pampas, homem rude e rústico, configura a grande motivação da literatura regionalista sul-rio-grandense, impulsionada, principalmente, pelas idéias dos colaboradores da Sociedade Partenon Literário. A importância dessa vertente pode ser confirmada pelo elenco numeroso de estudiosos envolvidos com a questão do regionalismo literário sulino.

De fato, os contistas representam a mais larga fatia da produção regionalista sul-rio-grandense, fenômeno reconhecido, também, por Gilda Bittencourt, que percebe o gênero conto como uma presença em todas as etapas do desenvolvimento da história da literatura sul-rio-grandense, sendo até, em certos momentos, a forma literária mais praticada nas letras gaúchas (BITTENCOURT, 1999, p. 19).

Pois é justamente da figura do contador oral, que exerceu um papel fundamental tanto para a gênese do conto quanto para a fixação temática de cunho regionalista, que provém os contistas, os quais, através da linguagem literária, ocuparam-se do viver gaúcho e da construção de suas raízes e peculiaridades. Por isso, as superstições, as lides campeiras, as atividades guerreiras, a solidão e as necessidades do homem do campo, relatadas primeiramente pelos peões e, a partir daí, absorvidas pelo imaginário popular, constituem, no conjunto com outras fontes de origem popular, matéria para a produção literária da vertente regionalista sul-rio-grandense.

O Regionalismo de feição romântica: o gaúcho como “monarca das coxilhas”

No primeiro dos textos anteriormente mencionados, “Para o estudo do conto gauchesco I – raízes da tradição gauchesca”, Guilhermino cita escritores que, a seu ver, passaram ao largo da temática regionalista, ou lhe deram pouquíssima atenção, caso, segundo ele, de Araújo Porto Alegre, Delfina Benigna da Cunha e Pedro Canga, entre outros, ao mesmo tempo em que contrapõe tais autores ao grupo cujo aparecimento coincide com a fundação da “Sociedade Partenon Literário”.

Criado em 1868, entre as principais figuras do grupo estavam Apolinário Porto Alegre, autor de poesias em que aparece diretamente o elogio do tipo sul-rio-grandense, através do gaúcho apresentado como livre, altivo, insubmisso, leal, amigo de seu cavalo, vigia da fronteira.

Nesse sentido, é possível dizer que os anos de 1860 e 70 foram, para o Rio Grande literário, o começo da circulação em escala apreciável das letras, em revistas e jornais, no teatro e nos encontros do Partenon, tudo marcado profundamente pela visão romântica, que se enxerga claramente no gosto das descrições por figuras tidas como representativas, muito especialmente o gaúcho, idealizado.

Percebe-se, dessa forma, que a literatura elegeu um tipo característico sul-rio-grandense: o gaúcho dos pampas, incumbido de ser um símbolo de legitimação da literatura sulina, inserindo-a no processo literário brasileiro. Assim, surge o regionalismo não somente no Rio Grande do Sul, mas também em outras partes do Brasil e na própria América, como forma de mapeamento das várias personalidades e paisagens típicas de um país cuja caracterização se constrói, especialmente, pelo potencial exótico que pode render aos olhos europeus.

Além de precursora de um tipo humano, o gaúcho do pampa, a mesma vertente também marca um espaço original, a Campanha, espécie de "habitat" genuíno desse homem. O viver telúrico do gaúcho, num espaço definido e demarcado com rigor, é a grande marca caracterizadora do discurso regionalista sulino. A imagem do guerreiro das lutas iniciais em defesa da terra e na doma do gado constitui um tipo que não tardaria a assumir a condição de representante do homem sul-rio-grandense: um tipo valente, perseguidor da justiça (ainda que, muitas vezes, tente promovê-la com as próprias mãos) e de moral inabalável, perfil perfeitamente adequado aos moldes românticos. Ou seja: sob influência direta dos preceitos românticos, surge, na literatura sul-rio-grandense, a vertente regionalista, que logo se revela empenhada na busca do matiz regional, enquanto elemento reforçador de uma identidade sul-rio-grandense aos olhos do centro do país.

Nesse sentido, Guilhermino afirma que "os primeiros regionalistas foram impressionados principalmente pelo gaúcho solitário, marginalizado, entregue a uma atividade aventurosa, numa fronteira agitada pelas rivalidades entre Portugal e Espanha" (CESAR, 1994, p. 29). Ao desenvolver esse argumento, Guilhermino traz à tona expressões que, até hoje, são utilizadas como forma de caracterizar o habitante sulino: "monarca das coxilhas" e "centauro dos pampas".

> Como se vê, o retrato físico e psicológico do gaúcho – tal como aparece na literatura de hoje, não difere substancialmente do que acabamos de apreciar. A ficção aposta fundo no seu primitivismo; pinta o rude e abarbarado, um ser de psicologia elementar, mas com torneios de frases requintados na boca, um homem corajoso, em permanente disponibilidade sentimental. E tão valente na guerra como na luta com as reses e outros animais, vivendo na solidão do pampa, sem conforto e sem pouso certo. Foi fácil

> idealizá-lo. De generalização a generalização, a literatura terminou por colocá-lo numa espécie de Arcádia crioula, território de evasão muito procurado pelos imaginativos. O resultado é um sentimento estereotipado, que emigrou da letra de forma para outras modalidades de arte, e segundo o qual o habitante da Campanha encarna sempre a galhardia, a coragem, a lealdade, o desprendimento de uma criatura perfeita. Esse foi o molde em que se fundiu o "monarca das coxilhas", o "centauro dos pampas". Se como todo tipo, já havia fugido há muito da realidade, desumanizando-se numa fórmula, sua presença tem servido, entretanto, para deseuropeizar nossos clichês literários, chamando a atenção dos ficcionistas para o ermo agreste de onde a vanguarda neo-romântica o desentocou. Os românticos da primeira leva contentaram-se com o índio; depois veio o sertanejo – e finalmente o campeador sulino. (CESAR, 1994, p. 30)

Um bom argumento para corroborar o envolvimento da literatura com o processo de construção identitária do tipo gaúcho é o fato de o regionalismo ter dominado o cenário de produção literária no Estado, desde as décadas finais do século XIX até quase o final da década de 1930. Nesse período, vários autores preocuparam-se exclusivamente com a temática regional e suas obras convergiam, quase invariavelmente, para a exaltação da Campanha como o chão do gaúcho, que lhe garantia não somente a sobrevivência, mas também determinava a configuração do seu tipo físico invencível e de sua moral inatacável. Assim, conformam uma tradição que, por caminhos e recursos literários pouco diversificados, elege e legitima como representante do homem sul-rio-grandense, o gaúcho do pampa que viveu o e no tempo passado ou que com ele ainda mantenha vínculos substanciais. Era esse o homem capaz de encarnar em si a identidade da "raça" sul-rio-grandense.

As *gauchesca* rio-grandense e platina

A posição do Rio Grande do Sul em relação ao centro do país coloca o Estado em uma condição de isolamento, o que o faz voltar-se muito para si mesmo e para as suas tradições. A situação de fronteira com a América Hispânica intensifica o olhar para dentro do próprio território e para sua origem, decisivamente impulsionado pelas diretrizes românticas alencarianas, perseguidoras da nacionalidade literária e obstinadas pela pesquisa do que pudesse ser considerado como um símbolo nacional. É nesse sentido que, ao salientar a "atitude bifronte" do homem da Campanha, Guilhermino tece importantes apontamentos sobre as similaridades das produções sulinas com as criações do Centro e do Norte do país, bem como as distinções entre os poetas rio-grandenses e os poetas platinos.

> Como centro da gauchesca, nesse que poderíamos chamar o seu primeiro momento, o homem da Campanha teve uma atitude bifronte: ou era o campeador no encalço das reses através do campo indiviso, ou era o guerreiro que ia à caça do velho inimigo platino. No tratamento literário do tipo (e essa observação crítica importa muito), os autores há pouco citados obedeceram principalmente às praxes românticas institucionalizadas no Centro e no Norte do Brasil. Enquanto Alencar e Macedo, Gonçalves Dias e Juvenal Galeno, Bernardo Guimarães e mesmo Taunay, cada um a seu modo, descobrem as regiões brasileiras e fundem as vivências mais genuínas de seus tipos sociais representativos, livres de quaisquer influências platinas, os autores rio-grandenses procedem da mesma forma. Não se vislumbra parentesco literário entre Taveira e os poetas do Prata, mesmo porque o gênero gauchesco só então começava por lá. […] De resto, é imprescindível acentuar-se o caráter essencialmente culto da gauchesca rio-grandense. Os poetas Taveira Júnior, Múcio Teixeira e Lobo da Costa não querem passar por homens da Campanha, nem falam na primeira pessoa, como os *payadores*. São e querem ser poetas da cidade, malgrado todos os outros disfarces literários de que usaram e abusaram. Vão idealmente à Campanha, em busca de exotismo; não sobem de lá até a cidade, como os poetas platinos, trazendo para a civilização o cheiro agreste, o falar despoliciado, a bruteza da vida campeira. (CESAR, 1994, p. 24-25)

Tal idéia é reforçada por Guilhermino em seu livro *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, cuja primeira edição data de 1956, em que o crítico argumenta que os clássicos de nossa gauchesca, tanto na poesia quanto na prosa, procedem da escola romântica e atuaram literariamente de acordo com as suas origens. Entretanto, afirma que tais autores fogem dos platinos e dos platinismos: seguem modelo português, abrasileirado por Alencar, na feitura do romance histórico; na poesia, estão a descobrir o rancho de palha, o caboclo, a mulata, o sofrimento do negro.

Além disso, Guilhermino é categórico ao afirmar que não há nada mais imprudente do que aproximar, inadvertidamente, sem considerar os elementos contrastantes, a nossa gauchesca da platina. Para argentinos e uruguaios, a gauchesca tem um caráter antiibérico bem definido. Entretanto, no Rio Grande a gauchesca não aspirou a uma posição de divisor de águas, pois seus cultores iniciais já aparecem marcados por certo “instinto de nacionalidade”. Segundo o autor,

> O colorido gauchesco foi assimilado como uma de nossas peculiaridades regionais, dentro da riqueza de tons com que se exprime a cultura brasileira, neste país de proporções gigantescas. Ao passo que, para os platinos, ele configura o próprio instinto nacional a lutar por uma expressão individualizadora. […] Por isso mesmo, o regionalismo de intenção gauchesca apenas surgiu no Rio Grande em meados do século XIX, com a geração imediatamente anterior à do Partenon Literário. Aparece, todavia, integrada numa visão sertaneja, muito própria daquela com a qual os corifeus do Romantismo, em outros pontos do Império, começavam a “descobrir” o interior, seus problemas, suas populações, seus vários estilos de vida, suas carências em diversos graus de civilização. (CESAR, 1994, p. 45-46)

As duas fases da ficção regionalista, o pioneirismo simoniano e a idade de ouro da gauchesca

Na seqüência da análise do conto gauchesco, Guilhermino chama a atenção para um fato curioso e essencial para a compreensão de sua crítica: o momento a partir do qual outras regiões do Rio Grande do Sul, além da Campanha, a qual firmou o tipo original do gaúcho, passaram a servir de cenário à poesia, ao conto e ao romance de fundo gauchesco, as quais se diferenciam da Campanha quer nos recursos econômicos, quer no processo de miscigenação e na tradição política, mas que, para fins de aproveitamento literário, também foram equiparadas à Fronteira, a "pequena pátria" do guasca. É por essa razão que o autor chega à conclusão de que o regionalismo da hora presente está interpretando, com o nome de *gaúcho*, não mais o tipo original, mas o homem rústico, o homem do campo sedentarizado, vivendo numa ordem econômica diferente, provando que a velha dicotomia campo-cidade tende a desaparecer, "com o que não se conforma, aliás, a imaginação de alguns autores que gostariam de ver todo rio-grandense a cavalo, de boleadeiras e laço na mão – a figura ressurrecta do 'monarca das coxilhas'" (CESAR, 1994, p. 34).

É nesse sentido que afirma que o que de fundamental existe na gauchesca é a idealização do homem rural, isto é, do menos "deformado" pela civilização. Da mesma forma, atenta que os autores regionalistas, mesmo não se restringindo mais à Campanha, mesmo buscando outras direções e explorando outras áreas do Estado, ainda levam consigo a velha medida campeira. A legenda do gaúcho campeador cedeu lugar a outras realidades sociais (o latifúndio improdutivo, a miséria da peonagem, a mecanização das lavouras). O gaúcho *de a pé* passou a figurar ao lado do operário das grandes cidades, como um pária social, inspirando a literatura de protesto: "Ao invés da galhardia do gaúcho de outrora, do sentimento à flor da pele, pronto a comprar briga, […] vem à tona um ser que sofre sem a teatralidade do guasca os dramas da sua condição humana" (CESAR, 1994, p. 36-37).

Por isso, em sua opinião, a idade de ouro da gauchesca, na prosa, ocupou os três primeiros decênios do século XX, em que a localização do gaúcho foi transferida do interior para a cidade; as classes média e baixa urbanas, em regra os descendentes dos imigrantes italianos, puseram-se a "fazer o gaúcho". Enquanto românticos e ultra-românticos seguiram, voluntariamente, as coordenadas de Alencar, de Macedo e de Bernardo Guimarães, "fechando os ouvidos ao canto da

sereia hispano-americana" (CESAR, 1994, p. 46), Simões Lopes Neto teria sido o primeiro a estabelecer, pelo sobrecarregado da linguagem, liames mais fortes com o movimento gauchesco argentino.

A importância do escritor pelotense é reforçada no texto em que Guilhermino objetiva analisar o conto gauchesco, de Simões Lopes Neto aos autores de hoje, fazendo uma importante reflexão sobre o Modernismo, que em sua opinião não trouxe maior novidade à literatura que se fazia no Rio Grande:

> Pode-se dizer, assim, que o Modernismo, pelo seu papa, absolveu o regionalismo, apagando do nosso espírito as suspeitas de Menotti e Oswald, enunciadas de modo enfático na fase heróica do movimento. Explica-se. O Modernismo, afinal, não procurava senão isso mesmo: um cânone que harmonizasse a visão brasileira das coisas com a rusticidade que nos é própria, numa forma tanto quanto possível aberta às sugestões da linguagem coloquial. E isso, para sermos exatos, foi atingindo por Simões Lopes, por exemplo, muito antes de vir para a rua a inquietação estética de 1922. (CESAR, 1994, p. 52)

Assim, a predominância do regionalismo, principalmente através do conto, é nítida até o final dos anos 20 do século passado, quando a literatura sul-rio-grandense cede espaço não somente para o romance, como também para a temática urbana, sustentada, por exemplo, pelas produções de Erico Verissimo e Dyonélio Machado, capazes de tornar a produção literária sulina mais diversificada. Conseqüentemente, o regionalismo perde sua posição de hegemonia para ser uma, entre outras tantas vertentes pelas quais seguiu a ficção sul-rio-grandense. A partir das décadas de 50 e 60 do século passado, após um período de produção mais romanesca, o conto ressurge com força, relatando dramas individualistas e urbanos.

Em suma, sintetizando o que Guilhermino tão bem esboçou nos últimos fragmentos analisados, o regionalismo tornou-se, na literatura, mais esparso, passando a dividir a cena do conto sul-rio-grandense com homens da cidade, explorados social e economicamente, vítimas desses e de outros dramas característicos da modernidade. Contudo, ao contrário do que se poderia pensar, o regionalismo toma fôlego, não para se tornar novamente hegemônico, mas para abrir-se a novos caminhos e perspectivas, o que propiciou, de acordo com Regina Zilberman, que a vertente regionalista ampliasse seu repertório, numa revisão dos laços com o passado (ZILBERMAN, 1985, p. 41-42), ao que se soma uma perspectiva mais universalizante à percepção do homem regional, o que nos permite afirmar, em outras palavras, que o regionalismo procurou adaptar-se aos novos tempos, preservando os motivos regionais contextualizados,

entretanto, em temáticas universais. Por isso, acreditamos que os fragmentos selecionados da obra *Notícia do Rio Grande* são prova do pioneirismo de Guilhermino Cesar no tratamento daquilo que foi de sua predileção: o Rio Grande do Sul, sua literatura e sua história.

Referências

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense*: tradição e modernidade. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1999.

CASTELLO, José Aderaldo. Apresentação. In: CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande*: literatura. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora da Universidade/UFRGS, 1994, p. 07-08.

CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande*: literatura. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

_____. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.